

O PROFISSIONAL MIDIÁTICO DE TELEVISÃO: PARADIGMAS DA COMUNICAÇÃO NÃO-VERBAL

DOMINGUEZ, Cláudia¹; GOULART², Elias Estevão.
c.dominguez@uscs.edu.br, elias.goulart@uscs.edu.br

Grupo ETICO – Estudos das Tecnologias de Informação e Comunicação
Universidade Municipal de São Caetano do Sul – USCS, Brasil, São Caetano – SP.

Resumo

O tema desta pesquisa versa sobre o processo comunicacional realizado pelos apresentadores de televisão. A finalidade deste estudo é identificar as técnicas de uma comunicação televisiva eficiente empregada pelos apresentadores de programas ao vivo. Investigar os recursos comunicacionais utilizados por esses profissionais diante das câmeras é a proposta deste trabalho. Quais elementos da comunicação não-verbal possibilitam a eficácia da transmissão de conteúdo? A forma de comunicação exercida por apresentadores de televisão - desde a inauguração do veículo no Brasil em 1950 – tem se mostrado o principal instrumento para a construção da credibilidade do profissional midiático ao longo das últimas décadas. Pesquisas mostram que passados seis minutos em frente à televisão, o telespectador precisa de um novo estímulo que o mantenha atento e alerta ao conteúdo exibido. Este estudo utilizou uma pesquisa qualitativa com coleta de dados por meio de entrevistas com cinco apresentadores da TV Record que atuam em programas ao vivo. Os resultados indicaram que, sobretudo, o conteúdo é o mais importante, porém sem a expressão corporal correta ele poderá não ser compreendido em toda a sua dimensão.

Palavras-chave: Comunicação. Inovação. Tecnologias Digitais. Televisão. Comunicação não-verbal.

¹ Universidade Municipal de São Caetano do Sul, Mestranda de Comunicação. E-mail da autora: c.dominguez@uscs.edu.br. ² Universidade Municipal de São Caetano do Sul. Doutor em Engenharia pela USP. Líder do Grupo de Pesquisa ETICO do CNPq. E-mail do autor: elias.goulart@uscs.edu.br

Introdução

Ser um bom comunicador não é tão simples quanto parece à primeira vista. Comunicar-se bem e, ao mesmo tempo, transmitir confiança é tarefa complexa, especialmente diante das câmeras de televisão. É necessário conciliar equilíbrio psicológico com o domínio do conteúdo a ser transmitido. Encarar uma câmera de TV, inicialmente, pode gerar uma sensação de exposição por vezes paralisante.

O medo de falar em público é um dos males que mais frequentemente acomete as pessoas. E no meio televisivo essa prática não é diferente. Para evitar ou minimizar esta sensação, conhecer as técnicas de comunicação televisiva, praticá-las e desenvolver o autoconhecimento é o recurso que diferencia um comunicador de outro. A falta de conhecimento sobre as técnicas do uso da voz, por exemplo, pode ser uma das razões para a baixa ou nenhuma credibilidade do que se pretende comunicar.

Estudos apontam que o tempo médio de atenção das pessoas em frente à televisão é de cerca de seis minutos. Passado este intervalo de tempo, é necessário oferecer ao telespectador um novo estímulo para que a atenção seja mantida. Neste contexto, a forma de comunicar exercida pelos apresentadores de televisão prepondera sobre o conteúdo?

Este artigo tem a proposta de apontar técnicas de comunicação televisiva capazes de tornar a transmissão do conteúdo mais eficiente. E quais os recursos são usados pelos apresentadores de televisão no momento em que estão ao vivo veiculando uma notícia.

Colaboraram para este estudo cinco apresentadores da TV Record, a saber: Adriana Reid, Lidiane Shayuri, Roberta Piza, Thalita Oliveira e Willian Leite. Todos estes profissionais foram entrevistados acerca do tema comunicação não-verbal na televisão.

Comunicação Televisiva

A comunicação humana é uma área de investigação e de estudos de alta complexidade. Segundo Davis (1979), a espécie humana, antes da evolução da linguagem, comunicava-se através de seus corpos, gestos e grunhidos, que eram os meios de que dispunham para a compreensão mútua, ou seja, a comunicação efetuava-se através de canais não-verbais. A espécie humana, como decorrência de seu processo evolutivo, elaborou e dominou códigos, que articulados entre si, foram e são utilizados tanto para a comunicação oral quanto para a escrita.

O processamento da comunicação nos dias de hoje ocorre, então, por meio de dois níveis: o verbal e o não-verbal. A comunicação não-verbal é a forma não discursiva, construída com o tripé voz, fala e corpo. É por meio destes elementos que se comunica o conteúdo pretendido. A junção harmoniosa da voz, fala e corpo é que dá vida ao que se deseja comunicar. O toque final fica por conta da carga emotiva das palavras. O equilíbrio emocional exerce influência direta sobre o organismo e, conseqüentemente, sobre o desempenho vocal. Sentir-se bem influi positivamente na voz.

A relação entre apresentadores e telespectadores e a forma como a linguagem comunicacional influencia diretamente o público tem sido observada ao longo da existência do veículo televisivo. Uma reportagem pode ganhar mais força e atrativos se anunciada pelo apresentador de forma que expresse o tom. A emoção ao anunciar uma reportagem sobre um desastre natural - como um tsunami - é totalmente diferente daquela de uma matéria que trate, por exemplo, de uma vitória em um campeonato de futebol. Parece óbvio, mas encontrar esse equilíbrio demanda treinamento específico e prática permanente.

Quando há concordância entre o que se sente e as palavras que se escolhe, a comunicação é 100% eficaz. Quando há discrepância, a mensagem mais forte é a subjetiva, não verbal, a impressão que se transmite pela voz. (KYRILLOS; COTES; FEIJÓ, 2003, p. 20)

Como essas técnicas de comunicação televisiva já contam com mais de meio século de prática, e suas soluções são testadas, aprovadas e desenvolvidas diariamente, elas podem oferecer, portanto, referências úteis para sua aplicação em diferentes outros processos comunicacionais.

Valer-se de uma boa seleção vocabular, sozinha, é insuficiente para a comunicação televisiva eficaz. O profissional precisa apresentar de forma adequada o conteúdo que pretende transmitir.

Essa adequação acaba por ser uma decisão subjetiva, abrindo precedente para a manipulação. Segundo Bourdieu (1996) a televisão não manipula só pelo que transmite, mas, sobretudo, pelo que omite.

A televisão tem uma espécie de monopólio de fato sobre a formação das cabeças de uma parcela muito importante da população. Ora, ao insistir nas variedades, preenchendo esse tempo raro com o vazio, com nada ou quase nada, afastam-se as informações pertinentes que deveria possuir o cidadão para exercer seus direitos democráticos (BOURDIEU, 1996).

Kyrillos, Cotes, Feijó (2003, p. 45), fonoaudiólogas, dizem que “a receita para enfrentar este desafio combina bom texto, voz agradável, articulação clara e gestos e expressões corporais ilustrativos e harmoniosos”. As autoras reforçam que o domínio desses elementos, verbais e não-verbais, faz a diferença entre o profissional e o amador na comunicação televisiva.

Não basta que o repórter e o apresentador estejam atentos ao conteúdo narrado, é preciso cuidar da maneira como esse conteúdo é transmitido. Além de sua voz, suas expressões faciais, gestos e postura são recursos

indispensáveis à transmissão clara e precisa da mensagem. (KYRILLOS; COTES; FEIJÓ, 2003, p. 43)

Dessa forma, é necessária uma atenção especial aos recursos não-verbais para que o telespectador não perca o interesse pela narração.

Há estudos indicativos de que cerca de 70% da expressividade de um comunicador recaem sobre o não-verbal, ou seja, a forma como se expressa a mensagem. Conforme Rector & Trinta (1985), os trabalhos de Mehrabian demonstram que 55% da comunicação face a face se dá através do corpo, gesto e expressão facial; 38% é tributável à tonalidade, intensidade e outras características da voz e apenas 7% é realizada através das palavras.

Birdwhistell (citado por Davis, 1979) concluiu, através de seus estudos, que a relevância das palavras em uma interação entre pessoas é apenas indireta, pois grande parte da comunicação se processa num nível abaixo da consciência. Segundo este autor, apenas 35% do significado social de uma conversa corresponde às palavras pronunciadas, os outros 65% seriam correspondentes aos canais de comunicação não-verbal.

Diante desse quadro, é possível desenhar um caminho para o melhor uso dos elementos não-verbais a serviço da comunicação. A ênfase, por exemplo, é a forma de realçar algo que se deseja marcar. Ela é obtida com reforço de intensidade e velocidade mais lenta. Outro recurso é a inflexão, a melodia da fala. Pode ser ascendente, geralmente indicando sentimentos positivos ou descendente, indicativa de final de emissão ou conclusão de um pensamento. Já as pausas fazem parte do discurso e são elementos importantes para uma boa compreensão da mensagem. Se utilizadas na medida certa, podem enaltecer um texto. Kyrillos, Cotes e Feijó (2003) frisam que:

Velocidade de fala tem a ver com ritmo interno, então, não é interessante você modificar se a pessoa não se identifica com aquilo e pra quem ouve soa falso. Não é defeito falar rápido, desde que você tenha um bom ajuste de articulação, então o que a gente costuma orientar: que a pessoa capriche na movimentação da boca, faça movimentos mais amplos e que enfatize só trechos mais importantes. Quando você enfatiza, você quebra qualquer risco da emissão ser monótona (2003, p. 47).

É importante considerar que a comunicação na televisão é composta de áudio e vídeo, dessa forma, a preocupação deve ser com o som e a imagem projetados diante das lentes. O cenário, bem como o figurino do apresentador, também deve ser levado em consideração. Tudo deve ser cuidado para que o telespectador possa ter uma concentração maior no que está sendo dito e não em alguma característica que funcione como ruído de comunicação, seja do corpo seja da fala.

Uma iluminação adequada e um enquadramento que valorize o que está sendo dito também influenciam diretamente no resultado. Essa combinação favorece a manutenção da atenção de quem está assistindo.

Por outro lado, a transmissão veloz da mensagem, a captação imediata pelo receptor e dos recursos utilizados por ambos, todos esses aspectos consonantes reforçam a adequação do uso das ferramentas de comunicação televisiva para uma melhor transmissão do conteúdo.

Davis (1979, p.83) expõe em sua obra que a maioria das pessoas percebe a gesticulação alheia, mas em geral, ignora-a, não lhe atribuindo nenhum sentido. Contudo, os gestos comunicam. Às vezes eles ajudam a esclarecer, quando a mensagem verbal não é muito clara. Em outros momentos, eles revelam, de modo involuntário, as emoções.

A partir de um levantamento bibliográfico e de entrevistas com profissionais da área, destacam-se algumas sugestões, dicas e técnicas para o uso mais adequado da voz. As fonoaudiólogas Kyrillos, Cotes, Feijó (2003) listaram algumas delas:

- Cuidados com alimentação interferem diretamente na qualidade vocal. Evitar leite e derivados. Preferir sucos cítricos que aumentam a salivagem e relaxam a musculatura da garganta. Evitar também alimentos gordurosos ou muito condimentados que dificultam a digestão e interferem na movimentação do diafragma, músculo que deve apoiar a emissão da voz. Dar preferência a frutas duras cuja mastigação prepara os músculos articuladores. A maçã, em especial, possui uma substância que higieniza a cavidade oral. Evitar ainda café, chocolate, chá preto que desidratam o organismo e, conseqüentemente, a mucosa das pregas vocais. Preferir líquidos quentes como chás de frutas e ervas que melhoram a circulação e dão a sensação de conforto. Evitar refrigerantes. Preferir mel associado ao limão, que promove boa condição de utilização da voz. É imprescindível também uma boa noite de sono, repousante e regeneradora (2003, p. 52).

- Muita atenção ao consumo de cigarro. Ele é um inimigo da mucosa que reveste as pregas vocais, cuja saúde é fundamental para alcançar um bom resultado vocal. Bebidas alcoólicas, pigarrear e o esforço vocal excessivo também são fortes inimigos da qualidade vocal. (2003, p. 53).

- O vestuário adequado faz toda a diferença para um bom desempenho vocal. As roupas jamais devem pressionar a região da garganta ou do diafragma, na cintura. O uso de medicamentos também pode afetar a voz e a fala. A hidratação também é uma das mais importantes medidas de higiene vocal, indicada para prevenção e tratamento dos distúrbios da voz. (2003, p. 54).

- Os exercícios físicos como caminhadas e alongamento são indicados para todos. Já a musculação requer maior atenção e cuidados, especialmente os realizados com membros superiores, que podem acentuar a tensão no pescoço e na garganta. Os exercícios vocais são necessários, assim como a atividade física. O aquecimento prévio para preparar a musculatura das

pregas vocais deve ser considerado. (2003, p. 54).

Ressaltam-se também algumas características da boa qualidade da voz, conforme estudo das Kyrillos, Cotes, Feijó (2003p. 56-59): a frequência, ou seja, o tom empregado na fala, pode ser grave (grosso), média ou aguda (fino). A frequência da voz deve ser, ainda, adequada ao sexo e à idade – nada mais ruidoso que um apresentador, ou professor, corpulento com voz de menino franzino.

Maciel (1994) reforça a importância e a relação entre a voz e a imagem que está sendo projetada.

Independente de eventuais belezas físicas que possua ou não, ao falar, lembre que é através da voz que você vai convencer as pessoas que estão assistindo a sua participação na televisão. A voz precisa, portanto, estar em harmonia com a imagem que você está projetando. (MACIEL, p. 74)

A intensidade ou volume da voz deve encontrar um meio termo entre o forte e o fraco. É preciso vigiar, também, a ressonância para que a voz não pareça “fanhosa”. A velocidade da fala é outro ponto essencial. Devem-se evitar os extremos para não comprometer a comunicação.

A articulação é tão importante quanto os demais itens citados anteriormente. A articulação dos sons deve ser precisa, isto é, não deve haver troca de sons nem distorções ou imprecisões que dificultem a compreensão.

Repórteres e apresentadores que, desejando ser claros, excedem-se na articulação dos sons e falam numa velocidade mais lenta do que o normal têm maior dificuldade em manter o interesse do ouvinte. A lentidão transmite a sensação de que o assunto não é interessante. Por outro lado, a fala acelerada é percebida como ansiedade e, quando a articulação é pouco precisa, denota descaso com o ouvinte e falta de controle com a própria emoção e da fala. (KYRILLOS; COTES; FEIJÓ, 2003, p. 65)

A comunicação não-verbal em um meio audiovisual envolve também a expressividade do corpo transmitida por gestos, expressões faciais, aparência física e até pela roupa usada.

A expressão corporal também é um forte aliado do comunicador. Os gestos dizem muito do que se quer transmitir; eles reforçam o discurso. Quando as mãos, uma sobre a outra, repousadas sobre a bancada indicam uma posição de neutralidade. Há também os gestos ilustradores, que indicam enumeração.

Entre todos os comportamentos não-verbais, a postura é o elemento mais fácil para o leigo observar e interpretar. De certa forma, é embaraçoso descobrir que os movimentos corporais, tidos como mais ou menos

arbitrários, são tão circunscritos, previsíveis e, às vezes, reveladores.
(DAVIS, p; 105)

Segundo Kyrillos, Cotes e Feijó (2003, p; 72-76) os gestuais manuais tentam demarcar o que está sendo dito verbalmente. As mãos, por exemplo, 'desenham' a fala, pontuando e fixando suas ideias para o ouvinte. Acredita-se que esse tipo de gestual dê mais credibilidade ao que está sendo mencionado.

Destacam-se, ainda, gestuais como os de demarcação (quando o apresentador fica apontando para a mesa com o dedo indicador), dúvida (as palmas da mão voltadas para cima) e os de negação (palmas da mão voltadas para baixo realizando o sinal negativo). Os gestuais faciais colaboram com o propósito de completar ou qualificar os textos verbais. As sobrancelhas, por exemplo, quando estão abaixadas “demonstram concentração, reflexão e seriedade”. Já quando franzidas, seu significado pode estar associado à preocupação. A elevação das sobrancelhas pode indicar surpresa, indignação ou, até mesmo, alegria. (KYRILLOS; COTES; FEIJÓ, 2003, p. 86)

A boca e os lábios também exercem uma função importante, porém se essa articulação for feita de maneira exagerada, pode - pelo exagero - chamar em demasia a atenção do telespectador. No sentido oposto, a atração da atenção, um leve sorriso no meio ou no final de uma matéria pode causar empatia entre o telespectador e o apresentador.

Os meneios de cabeça podem pontuar frases, acompanhar a entonação e reforçá-la. Esses movimentos podem ser para frente, para os lados, para baixo ou, ainda, para cima.

Um fator importante que as autoras ressaltam, e que interfere na atuação desses recursos de linguagem, está relacionado à imagem na tela, pois “por trabalhar com enquadramentos fechados, a televisão acaba ampliando os gestos e o mínimo movimento pode adquirir significado” (KYRILLOS; COTES; FEIJÓ, 2003, p.71). Nos programas em que os apresentadores estão de pé, os quadros tendem a ser mais abertos, o que de certa forma desvaloriza tanto esse detalhamento.

Metodologia

O estudo tem como base uma pesquisa qualitativa por meio de entrevista com cinco apresentadores da TV Record: Adriana Reid, Lidiane Shayuri, Roberta Piza, Thalita Oliveira e Willian Leite. A intenção foi buscar e perceber valores e normas deste grupo, em particular no que diz respeito ao ato de comunicar-se na televisão. Por meio da interação entre os participantes foi possível identificar as ferramentas da comunicação não-verbal utilizadas na prática diante das câmeras de televisão.

Os participantes desta pesquisa têm experiência profissional entre cinco e 18 anos. Apresentam programas ao vivo da TV Record exibidos entre 8h e 13h, tais como: Fala Brasil, Record Notícias, Hora News.

A entrevista foi realizada na sede da TV Record, na manhã de 02 de setembro de 2012.

Discussão dos resultados

A questão central que percorreu a entrevista com os apresentadores foi saber se a comunicação não-verbal prepondera sobre o conteúdo. Outras questões abordadas foram de que forma são utilizados os recursos não-verbais, como fala, gestos, expressão corporal. Como estas ferramentas influenciam na credibilidade e transmissão da mensagem.

Roberta Piza disse que “às vezes um gesto acaba sendo uma muleta, uma característica para você trocar de assunto. É preciso tomar cuidado para que isso não fique muito exagerado. Acho que gesto demais atrapalha a comunicação”. Para ela, o gesto e o olhar são importantes, mas é preciso tomar cuidado para não chamar mais atenção para o gesto do que para a notícia que está sendo transmitida.

A jornalista Adriana Reid contou sobre as orientações que recebeu no início da carreira com relação ao gestual. “Eu lembro muito bem que no começo me diziam que eu transmitia todas as notícias iguais, de forma linear, e que parecia que eu estava sorrindo em notícia trágica.”

Com a prática acumulada em 10 anos de carreira, Reid sabe da importância de apresentar ao telespectador uma imagem coerente com o tom da notícia, mas nem sempre isso é fácil. “Não é todo dia que o apresentador está bem, disposto. Às vezes você brigou em casa, está com dor, está cansado, triste e você acaba abrindo um sorriso, coloca uma postura de que está numa boa porque o telespectador não merece nada diferente disso. Mas, hoje também se sabe que o telespectador não quer mais aquele apresentador perfeito, intocável. E que às vezes, tudo bem errar”.

Conjugar coerência dos gestos e firmeza na transmissão da mensagem é consequência de anos de prática. Thalita Oliveira confirma que a experiência torna o profissional de televisão mais seguro. “Quanto mais segurança você adquire no dia-a-dia, seu gestual fica mais natural. E sua expressão também. No começo da profissão, você está tensa, você não quer errar, não quer chamar muito a atenção. Quer acabar logo aquela notícia sem errar. Essa é a preocupação de quem está começando, iniciando. Depois você vai ficando um pouco mais segura. Acaba ousando mais na mão, vai mostrar com o rosto que também está indignada com aquela imagem. Aquela expressão que às vezes a gente faz de horror, desespero é o que a pessoa está fazendo em casa. Ela ficou chocada com a imagem assim como o apresentador. Isso faz com que as pessoas se identifiquem com que estão vendo na televisão”.

O apresentador da Record News, Willian Leite, tem experiência de 18 anos na área de rádio e televisão. Ele acredita que a comunicação não-verbal faz a diferença ao transmitir uma notícia. “Eu acho que a expressão corporal é a mais importante que existe das três: da escrita, falada e corporal”.

A questão central foi indagada a todos os participantes: a forma de comunicar prepondera sobre o conteúdo? A resposta da maioria foi negativa. Para eles, conteúdo e recursos não-verbais como a fala, gestos e expressão corporal caminham com a mensagem verbal.

“Eu acho que não prepondera, eu acho que corrobora. Não dá pra dizer qual é o mais importante porque o gesto vai de acordo com o conteúdo. De repente é uma coisa bacana o gesto vai ser um, sua expressão vai ser outra. Se é algo que você precisa marcar às vezes um pouco mais forte, seu gesto também vai ser outro, então não tem como ser melhor. Não tem como ser mais importante. Ele tem que caminhar junto. O conteúdo é importante, mas o mais importante é que você entenda esse conteúdo pra você passar”, explicou a apresentadora Roberta Piza.

A colega de bancada Thalita Oliveira tem opinião semelhante à de Piza. “A notícia é que trilha a linguagem corporal, tudo. Eu concordo com o que a Roberta falou, mas o princípio é a notícia. Se você tiver um bom gestual, uma boa articulação é melhor, mas a notícia é a base.

E ao serem questionados sobre o que torna uma comunicação eficiente, Lidiane Shayuri apresentou a fórmula que acredita ser a mais eficaz. “O conhecimento prévio do assunto, a impostação, o gestual, o texto em si. E para ser perfeito, conhecimento técnico e sua postura. A forma como você vai transmitir essa notícia”.

Leite pensa que uma comunicação bem-sucedida acontece quando o telespectador consegue captar o conteúdo da notícia. “Para mim a comunicação perfeita é quando você encontra alguém e essa pessoa fala exatamente aquilo que você transmitiu, ou seja, entendeu a notícia que você transmitiu. Essa é a comunicação perfeita. Como vai ser feito? Depende de cada um. O importante é que o maior número de pessoas compreenda aquela matéria”.

Conclusões

Após a pesquisa, evidenciou-se que para os apresentadores entrevistados, a comunicação não-verbal é apenas um elemento na emissão da mensagem. E que a fala, o gestual e expressão corporal não predominam sobre o conteúdo. Porém, todos os profissionais da mídia televisiva entrevistados concordam que estes recursos se complementam para enunciar o conteúdo na comunicação televisiva.

Referências

- BIRDWHISTELL, R. *El lenguaje de la expression corporal*. Barcelona. Gustavo Gill, 1970.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996
- DAVIS, Flora. *Comunicação não-verbal*. São Paulo: Summus, 1979.
- KYRILLOS, Leny; COTES, Cláudia; FEIJÓ, Deborah. *Voz e corpo na TV: a fonologia a serviço da comunicação*. São Paulo: Globo, 2003
- KYRILLOS, Leny. *Expressividade: da teoria a prática*. São Paulo: Revinter, 2005.
- _____. *Fonologia e Telejornalismo*. São Paulo: Revinter, 2005.
- MACHADO, Arlindo. *A arte do vídeo*. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- MACIEL, Pedro. *Guia para falar (e aparecer) bem na televisão*. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1994.
- MESQUISTA, Rosa Maria. Comunicação não-verbal: relevância na atuação profissional. *Rev. Paul. Educ. Física*. São Paulo, jul/dez, 1997.
- MORAN, José Manuel. MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. *Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica*. São Paulo: Papirus, 2000.
- PICCILOTTO, Léslie; SOARES, Regina Maria Freire. *Técnicas de imitação e Comunicação Oral*. São Paulo: Ed. Loyola, 1977.
- SQUIRRA, Sebastião. *Boris Casoy: o âncora no telejornalismo brasileiro*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.
- PATERNOSTRO, Vera Íris. *O texto na TV. Manual de telejornalismo*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.
- RECTOR, M.; TRINTA, A. *A comunicação não-verbal: a gestualidade brasileira*. Petrópolis, Vozes, 1985.
- WELL, Pierre; TOMPAKOW, Roland. *O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal*. Petrópolis: Vozes, 1986.